

## LEITURA E ESCRITA DE FANFICTIONS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA: NARRATIVAS, SENSIBILIDADES E PROTAGONISMOS

READING AND WRITING FANFICTIONS AS A  
PEDAGOGICAL PRACTICE: NARRATIVES,  
SENSITIVITIES,  
AND PROTAGONISM

**Moisés Carlos de Amorim**

Doutor em Estudos Literários (UFMT)

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8890659841382403>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5608-9126>

Email: [moisesarmorim@hotmail.com](mailto:moisesarmorim@hotmail.com)

**Resumo:** Este artigo parte de uma pesquisa-ação que busca investigar a leitura reconfigurada pela produção de fanfictions como atividade pedagógica, realizada por estudantes de ensino fundamental. Utilizou-se a teoria dialógica de Mikhail Bakhtin como instrumento analítico, o conceito de cultura participatória de Henry Jenkins e as concepções críticas de bell hooks e Paulo Freire sobre educação, que reconhecem na experiência docente o caminho para a construção da democracia, da igualdade, da cidadania e da justiça social. Como resultado da atividade prática em sala de aula, foram evidenciados indícios sobre o protagonismo e a sensibilidade juvenil no processo de criação das fanfictions.

**Palavras-chave:** Educação. Fanfiction. Escrita. Protagonismo.

**Abstract:** This article is based on an action research project that seeks to investigate reading, reconfigured by the production of fanfiction, as a pedagogical activity carried out by elementary school students. The analytical tool used was Mikhail Bakhtin's dialogic theory, Henry Jenkins' concept of participatory culture, and the critical conceptions of education by bell hooks and Paulo Freire, who recognize the teaching experience as the path to building democracy, equality, citizenship, and social justice. The practical classroom activity revealed evidence of youthful protagonism and sensitivity in the process of fanfiction creation.

**Keywords:** Education. Fanfiction. Writing. Protagonism.

## Introdução

Desenvolver um ensino multicultural requer um trabalho pedagógico evidentemente crítico, fundado na democratização das culturas e das epistemes, bem como no acesso aos bens de consumo por sujeitos múltiplos e heterogêneos. Tal pedagogia, na visão de bell hooks<sup>1</sup> (2013), além de crítica também é transformadora, pois introduz a participação absoluta de todas as vozes outrora silenciadas pelo apartheid social, econômico, político e racial.

Esta perspectiva salienta o protagonismo dos(as) estudantes, pertencentes a diversos segmentos da sociedade. Como professor da rede pública do ensino de Mato Grosso, compreendo a urgência de um trabalho pedagógico fundamentalmente multicultural, aberto à construção de equidades sociais e humanas.

Por isso, este artigo tem o objetivo de refletir sobre experiências de leituras reconfiguradas pela produção de fanfictions (ficções feitas por fãs), considerando a possibilidade da escritura de histórias emergentes como ferramenta de conhecimento e de desenvolvimento de competências, protagonismo e sensibilidade juvenil. Quando houve a realização do trabalho pedagógico entre outubro e novembro de 2021, com a turma do 8º ano do ensino fundamental da escola Estadual Leônidas de Matos, localizada em Santo Antônio de Leverger a 27 km de Cuiabá, muitas dúvidas me vieram à mente.

No fazer pedagógico, a atividade docente passa a se constituir pelas múltiplas consciências dos estudantes, pela rede de conhecimento compartilhado. Por acreditar em uma escola multicultural, democrática, inclusiva, em que o professor é um instrumento sensível de mediação de conhecimentos, entendi que, inspirado por bell hooks, “temos de afirmar nossa solidariedade por meio da crença num espírito de abertura intelectual que celebre a diversidade, acolha a divergência e se regozije com a dedicação coletiva à verdade” (hooks, 2013, p. 50).

Se esta pesquisa tem alguma direção certa, pode-se salientar o aspecto do protagonismo juvenil na produção e leitura de fanfictions, bem como o despertar da sensibilidade para consciências de narrar/viver/imaginar/escrever, no sentido múltiplo dos verbos. Em sala de aula, organizou-se a atividade pedagógica em etapas objetivas, de leitura ou apreciação cinematográfica e literária.

Foram três etapas de atividades planejadas para os(as) estudantes: na primeira e segunda etapas privilegiou-se o filme *Fahrenheit 451* (2018), dirigido por Ramin Bahrani, mas também excertos do romance de mesmo título escrito por Ray Bradbury, publicado em 1953; na terceira etapa focalizou-se em séries, filmes, livros, HQs etc., que eram os preferidos de cada estudante, para a realização de uma fanfic e do que mais fosse interessante escrever.

Neste sentido, buscou-se dar abertura, com a terceira etapa, às escolhas individuais na criação de fanfictions. Os resultados foram interessantes do ponto de vista da produção escrita. Ao mesmo tempo, foi mostrada a plataforma *Spirit Fanfic*<sup>2</sup> que está no ambiente digital, onde o público participa da elaboração de novas histórias.

Embora não tenha explicado sobre o conceito teórico de cultura da convergência, as etapas das atividades se articulam a uma “cultura participatória” dos(as) estudantes, pois sabe-se que, segundo o norte-americano Henry Jenkins, “os usuários da mídia contradizem a ideia de que somos consumidores passivos de conteúdo midiático ou meros recipientes de mensagens geradas pela indústria da comunicação” (Navarro, 2010, p. 14). Jenkins “prefere pensar nos consumidores como agentes criativos que ajudam a definir como o conteúdo midiático deve ser usado e, em alguns casos, dão forma ao próprio conteúdo” (Navarro, 2010, p. 14).

A convergência instaura, ao mesmo tempo, a possibilidade de experiência transmídia e a participação reconfigurada nestas produções transmidiáticas, possibilitando ao público o acesso a diversas linguagens. Para fomentar uma reflexão crítica a partir da fanfic e da convergência, utilizou-se, como abordagem teórico-metodológica junto à turma do 8º ano, a pesquisa-ação que, fundamentalmente, “[...] é uma pesquisa [...] pedagógica, dentro da perspectiva de ser o exercício pedagógico, configurado como uma ação que cientificiza a prática educativa, a partir de princípios

<sup>1</sup> Neste artigo será respeitada a grafia do nome em minúsculas, como a autora fazia questão de assinar em vida, a despeito das normas da ABNT.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/>

éticos que visualizam a [...] emancipação de todos os sujeitos da prática” (Franco, 2005, p. 489).

Consciente ou inconscientemente, o trabalho de criação/apreciação de narrativas de fãs permitiu uma reviravolta na minha práxis educacional, pois relativizou as minhas certezas, bem como os resultados que objetivava alcançar ao fim de todas as etapas. Até mesmo o planejamento das etapas foi modificado para atender a uma proposta livre, múltipla e direcionada aos estudantes, não somente ao professor. Ao cabo do movimento de reflexão, diálogo e análise, espero trazer não necessariamente um modelo de experiência pedagógica, mas sim um trabalho de empenho, sobretudo dos jovens protagonistas, que me enriqueceram com suas percepções, com suas escrituras e suas sensibilidades.

## Olhar pedagógico para a fanfiction

Não há dúvidas de que as práticas educacionais têm sido pensadas e repensadas nas escolas, sobretudo com vistas às mudanças na construção de conhecimentos ou aplicação de habilidades fundamentais. Com a popularização do computador no final do século XX, segundo Pierre Lévy (1999), houve o surgimento de uma nova técnica (muito mais sofisticada do que as anteriores), cuja principal característica é a interação em redes virtuais com pessoas conectadas em qualquer lugar do mundo. Esta nova realidade reconfigurou as relações sociais e estabeleceu práticas emergentes de participação dos múltiplos sujeitos.

Desta maneira, as problemáticas no campo educacional tornaram-se visíveis, pois não é possível apartar a escola (com seus desafios, sujeitos e contextos peculiares) das técnicas majoritárias que se constituem na época em que vivemos. Por isso, elaboramos um trabalho pedagógico de leitura e produção escrita de fanfictions, valorizando a sensibilidade, o protagonismo e a emergência de narrativas juvenis.

Entendemos por fanfictions (do inglês fan, cuja expressão em português se refere à palavra fã, e o termo fiction, de ficção), as narrativas de admiradores ou aficionados desenvolvidas em ambientes digitais, nas quais são recriadas enredos e histórias com liberdade criativa e possibilidades infinitas. Grosso modo, por se constituir enquanto enunciado concreto que se integra ao campo da atividade humana e a uma esfera de comunicação, segundo Mikhail Bakhtin, “[...] cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso” (Bakhtin, 2011, p. 262).

Neste sentido, a interação humana apenas ocorre em um contexto de comunicação específico, no qual os enunciados concretos, isto é, os gêneros do discurso, se materializam em diversas semioses. Por isso, as fanfictions são reconhecidas enquanto gênero do discurso, pois são “[...] enunciados [que] refletem as condições específicas [...] não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional” (Bakhtin, 2011, p. 261), expandindo universos midiáticos/transmidiáticos (filmes, séries, animes, livros, história em quadrinhos, games entre outros). Esse fenômeno parece comum, sobretudo na contemporaneidade, devido à “ideia de midiaticização [que] refere-se ao processo pelo qual as mídias, especialmente as mídias digitais, se articulam com a vida cotidiana, alterando o modo como as pessoas, as instituições e a sociedade, de modo geral, vivem” (Martino, 2009, p. 271).

Portanto, na sociedade atravessada pelo digital, as práticas de escrita e leitura foram ampliadas a um nível impressionante, haja vista que a maioria dos indivíduos exerce o papel de criador-consumidor a todo momento. A recriação de histórias ficcionais na internet fomenta, sem dúvida, o valor dialógico da linguagem, pois na visão de Bakhtin,

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal (Bakhtin, 2011, p. 348).

A experiência de mediar esta prática fortaleceu meu propósito enquanto professor, que reside em construir um ambiente rico de ensinamentos e aprendizagens, pois, assim como qualquer ser humano, tenho muito a aprender no meu ofício pedagógico com os estudantes. Essa constatação ratifica os pressupostos de uma pedagogia crítica, não hierarquizada por uma voz hegemônica do saber, inspirada em Paulo Freire e bell hooks. Esta última salienta fundamentalmente que “a voz engajada não pode ser fixa e absoluta. Deve estar sempre mudando, sempre em diálogo com um mundo fora dela” (hooks, 2013, p. 22).

Desde 2010, quando iniciei o caminho da docência, até o presente momento, adquiri maior elasticidade frente aos desafios da educação, aprendendo a resolver conflitos, a flexibilizar planejamentos e a dialogar mais com os estudantes sobre conteúdos ou propostas de atividades. Foi esta vivência, construída ao longo de muitos anos, como também a formação continuada em Mídias Digitais, iniciada em 2020, que me permitiu repensar as práticas educacionais, valorizando as experiências individuais de cada estudante.

Constatou-se que, nas turmas em que se trabalhou com narrativas transmidiáticas, há um número expressivo de jovens e adolescentes que navegam pela internet e produzem conteúdos, embora alguns não possuam computadores em casa, apenas smartphones. Buscou-se, então, direcioná-los para a compreensão da escritura literária, fomentando inicialmente o estudo da estrutura narrativa (como narrador, personagem, enredo, tempo e espaço).

Criou-se um planejamento voltado para o estudo da forma literária, significativamente para a criação narrativa de histórias e ficções através da experiência transmídia. Em seguida, fizemos a leitura de contos e excertos de romances a fim de que o (a) estudante compreendesse, primeiramente, a organização e a atividade minuciosa de narrar.

Na etapa seguinte, explicou-se como tem ocorrido a criação em ambientes digitais, sobretudo em ambientes colaborativos de escrita das fanfictions. Além disso, apresentou-se aos estudantes o conceito de fanfiction e produções transmidiáticas, tomando como exemplo o universo da Marvel: a história em quadrinhos dos Vingadores, o filme “Vingadores Guerra Infinita”, a série “Falcão e o Soldado Invernal” e “What If...”, para fomentar a reflexão de múltiplos processos de criação a partir da narrativa de heróis.

Assistiu-se a um fragmento do filme “Vingadores: Guerra Infinita” com intuito de mostrar a configuração do personagem Thanos e o seu propósito na história. Logo após isso, trouxemos a fanfic História Guerra Infinita (Reescrita) – Capítulo 1, cujo título é “Epitáfio”<sup>3</sup>, escrita por MarvelFan25. Fizemos a leitura preliminar da fanfic, considerando a relação dialógica com o universo da Marvel e a expansão dos acontecimentos. Ao mesmo tempo, mostrou-se a plataforma Spirit, que possui um número expressivo de colaboradores, identificados como fãs de séries, filmes, livros, games ou de personagens do mundo pop. Na visão de Patrice Flichy,

O fã pode intervir de três modos na obra que adora. No mínimo, ele pode ser coprodutor da obra reinterpretando-a. Pode, assim, construir uma comunidade de receptores que comentam a obra. Enfim, ele pode prolongar o produto cultural, por exemplo, desviando-o. Essas atividades de recepção criativa permitem ao fã construir uma identidade e apresentá-la aos demais (Flichy, 2016, p. 24).

O universo expandido das produções culturais na internet fomenta a criatividade dos fãs no processo de recepção e coparticipação das inúmeras obras multimidiáticas. As fanfictions, portanto, são possibilidades de recriação dos produtos culturais que formam o gosto estético e político de grupos sociais variados, inclusive de jovens e adolescentes. O ambiente digital proporciona “[...] a inclinação colaborativa [...] entre fãs nos seus espaços de interação em rede” (Jacques, 2016, p. 151), seja no Facebook (em páginas e comunidades), em perfis do Instagram, no Youtube (em canais de divulgação de conteúdos), seja em blogs ou plataformas de escrita colaborativa.

Essas possibilidades de interação são bastante utilizadas pelos estudantes e pelas pessoas de maneira geral. Foi diante de experiências participativas em rede que elaborei o planejamento e orientei os estudantes a construção de perfis no site *Spirit Fanfic*. Para isso, era necessário que cada aluno tivesse um e-mail em funcionamento, para que, em seguida, entrasse no site de escrita colaborativa e criasse um perfil. A maioria dos estudantes teve êxito, mas alguns não obtiveram

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/guerra-infinita-reescrita-23037363/capitulo1>

sucesso, devido a vários fatores como a ausência na aula de Língua Portuguesa.

Após isso, assistimos ao filme *Fahrenheit 451* (2018), dirigido por Ramin Bahrani; nas aulas seguintes, fizemos a leitura de excertos da obra escrita por Ray Bradbury, que inspira o filme de Ramin Bahrani e François Truffaut. Passada esta etapa, desenvolvi duas propostas de escrita, adaptando a ideia de *Fahrenheit 451*, sobretudo a que surge na peça cinematográfica de Ramin Bahrani.

A primeira proposta foi a escritura da narrativa cinematográfica, objetivando a modificação da parte final da história. Neste sentido, organizou-se os personagens, estruturou-se a narrativa em temporalidades e foram estabelecidos prazos de entrega. Embora os estudantes não conhecessem *Fahrenheit 451* antes da atividade dirigida em sala, nem sequer fossem verdadeiros fãs da obra de Ray Bradbury ou dos filmes de Truffaut e Bahrani, a intenção de reconstrução da narrativa fílmica teve relativo sucesso, haja vista que, de modo semelhante, “os fãs, como abstração, não são artistas. Eles mantêm um elo com a cultura popular que incide diretamente sobre o alcance dos seus sentidos. Essa dinâmica é amplificada pela mídiatização” (Jacques, 2016, p. 160). Sem dúvida, a história da queima de livros em um governo totalitário na obra *Fahrenheit 451* impactou de forma diferente cada estudante, pois as rodas de conversa orientadas ao final da atividade trouxeram informações sobre a visão da turma.

Passado este primeiro momento, seguiu-se para a segunda proposta, que se mostrou mais difícil que o esperado: a escritura de *Fahrenheit 451*, implementando a mudança do personagem principal Montag para uma personagem feminina de nome Montagnela, que se estabeleceria como um ser desprovido de humanidade, mas que, ao longo da narrativa, despertaria a sua sensibilidade para questões fulcrais, como a luta por igualdade de gênero, protagonismo das mulheres e democracia. Para fomentar a construção da narrativa, trabalhou-se com textos feministas de Simone de Beauvoir e Djamila Ribeiro, além de textos que tratassem sobre o tema democracia. Contudo, a participação foi tímida e dois ou três alunos conseguiram finalizar a atividade.

Como não obtivemos sucesso nesta segunda atividade, tive que reanalisar a minha prática pedagógica. De forma semelhante ao depoimento de bell hooks, “não sabia como lidar eficazmente com tanta diferença” (hooks, 2013 p. 58), pois me apareceram questões urgentes e imediatas no primeiro plano, que foram levantadas pelos(as) estudantes: “Por que não produzimos fanfictions de universos culturais dos quais somos fãs?”; “Por que não deixamos essa proposta de trabalhar com *Fahrenheit 451* e pensamos em uma proposta que incorpore o gosto individual de todos(as)?”. Confesso que fiquei bastante entusiasmado com o desabafo dos(as) estudantes, ao mesmo tempo em que me decepcionei comigo mesmo por não escutar inicialmente a turma.

Na compreensão de bell hooks,

Para ensinar eficazmente um corpo discente diverso, tenho de aprender esses códigos. E os alunos também têm. Esse ato por si só transforma a sala de aula. A partilha de ideias e informações nem sempre progride tão rápido quanto poderia progredir num contexto mais homogêneo. Muitas vezes, os professores e os alunos no contexto multicultural têm de aprender a aceitar diferentes maneiras de conhecer, novas epistemologias (hooks, 2013, p. 59).

Em seguida, planejei uma proposta de escrita que valorizasse o gosto cultural dos estudantes, isto é, os seus saberes e os seus conhecimentos, haja vista que, segundo Paulo Freire, “[...] pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela – saberes construídos na prática comunitária [...]” (Freire, 1996, p. 30), em ambientes diversos (digitais, por exemplo), em que as suas vozes interagem em igualdade com outras vozes e partilham experiências individuais ou coletivas.

Portanto, a terceira proposta, tratada mais adiante, na próxima seção, salienta a liberdade da criação narrativa, em que se deve privilegiar o produto cultural de que os(as) alunos(as) são fãs (livros, histórias em quadrinhos, filmes, séries, personagens públicos etc.), visando uma escrita coparticipativa da história de origem, algumas possíveis alterações e o prazer do texto, intensificando a proposta de Roland Barthes (2015).

## Análise das fanfics produzidas

É importante deixar evidente que o trabalho pedagógico com as fanfictions fomentou a sensibilidade dos(as) adolescentes para questões complexas do seu universo juvenil, como a paixão, o abandono, a solidão, a ternura, os laços afetivos, enfim, experiências significativas que transcendem a subjetividade. Desta maneira, a escrita no ambiente digital continua estabelecendo vínculos com a sociedade e com as tensões internas das pessoas. Além disso, o que ocorre é que as produções culturais são reescritas, reimaginadas, reinventadas, em um processo de feedbacks criativos ao ponto máximo da escrita, pois surgem daí novas histórias denominadas fanfictions.

A plataforma utilizada para circulação dessas histórias, escolhida pelo docente, é Spirit Fanfics e Histórias, a qual possui milhares de inscritos e tem como política a autopublicação de livros (fanfictions) ou de Histórias Originais:

Figura 1. Print do site Spirit Fanfic



Fonte: O autor (2025)

Embora algumas narrativas escritas neste ambiente digital sejam apenas embriões de livros, pensando no tamanho do texto ou no espírito do site, buscou-se desenvolver, sobretudo, o hábito da leitura e da escrita, assim como exercitar potencialmente a cidadania no movimento que se baseia em falar, escrever, posicionar-se, intervir e participar ativamente. Do livro para o filme, do game para a série ou da série para os quadrinhos, o que realmente me parece importante é a formação crítica estudantil ao interagir com diversos enunciados concretos que se materializam em gêneros discursivos, de maneira que seja promovida a leitura/produção de narrativas transmidiáticas, desenvolvendo cada vez mais habilidades (múltiplos letramentos) para a compreensão do mundo. A concepção de “letramentos” estudada pela *New Literacy Studies* indica fundamentalmente

[...] que letramento não pode ser singular, mas sim no plural, pois há tantos letramentos quanto as práticas sociais e os objetos que enformam o uso da escrita em nossa sociedade letrada, como se observa no uso do termo em expressões tais como letramento digital, letramento financeiro ou letramento midiático, para indicar a competência de leitura e interação social associada e até para além dela (Paulino; Cosson, 2009, p. 65).

A competência da leitura/escrita associada à competência digital (pesquisa, trabalho criativo em redes, interação social e produção de conteúdo na internet) foram os princípios basilares da atividade desenvolvida com os(as) estudantes do 8º ano. Por isso, os textos abaixo exprimem a percepção e o estar no mundo destes jovens, que têm um gosto cultural, estético, moral, político e respondem ao mundo à sua maneira. Em *Zoe e Raven*, vemos a confirmação do universo categórico da adolescência e as relações afetivas sendo configurados nesse período:

Havia uma menina chamada Zoe!

Ela veio de Los Angeles para passar umas férias no interior e quando ela chegou na casa do avô a sua irmã sumiu.

A sua irmã tinha 9 anos e ela tinha 15 anos; quando sua irmã sumiu, Zoe procurou em todos os lugares até que ela foi em um saieiro que ficava perto da casa dela e lá viu que a irmã estava usando Internet. Quando estava voltando pra casa do avô ela encontrou junto com Raven um cavalo!

E aí o cavalo não atacou a menina na primeira vez eles já tinham uma conexão muito forte. Era um animal muito bonito! Perto da fazenda, ela encontrou Pin, um menino da localidade, que a ajudou, e em seguida ela fez mais amigos (Marcus, Rebeca, Jade, Amélia, Gabi, Susie, Benjamin, Calum, Sean, Aarom, Arthur), Jade e Rebeca eram melhores amigas de Zoe e foram elas que ajudaram Zoe praticar hipismo. [...] (FANFIC 1)<sup>4</sup>.

Zoe e Raven é uma série britânica de grande popularidade entre os jovens e está em cartaz na Netflix. Possui quatro temporadas com 10 episódios e traz diversas aventuras. O(a) estudante 1 decidiu trazer um pouco da série para a sua escrita de fanfiction. Essa proximidade afetiva estabelece pontes de conhecimentos, formando a atividade estética e a sensibilidade na escrita.

O jogo dialógico leitura/escrita perpassa a atitude de quem, observando cada detalhe, expande a sua percepção ética para as relações humanas, compreendendo o universo dos personagens, bem como os seus conflitos ou suas problemáticas. Segundo Paulo Freire, “[...] a capacitação de mulheres e de homens em torno de saberes instrumentais jamais pode prescindir de sua formação ética” (Freire, 1996, p. 56).

O texto se organiza narrativamente e, embora apresente as ações de maneira veloz, descreve as cenas, trazendo as relações humanas como o plano central. A visão adolescente sobre a existência denota sentimentos característicos desta idade, como a paixão: “Em um determinado momento, Zoe começou a namorar Marcus até que na festa de 16 anos eles terminaram o namoro. Depois de duas semanas, Zoe começou a namorar Pin” (FANFIC 1)<sup>5</sup>.

Neste sentido, enforma-se a personalidade por meio das relações com os diferentes amigos(as), como há também na vida, em especial, no ambiente escolar, lugar propício a práticas motivadoras e democráticas, em que o sentido das relações humanas deve ser discutido pelas diferentes vozes que constituem aquela realidade social, alargando não só a posição do aluno, como também a do professor. Segundo bell hooks,

Quando a educação é a prática da liberdade, os alunos não são os únicos chamados a partilhar, a confessar. A pedagogia engajada não busca simplesmente fortalecer e capacitar os alunos. Toda a sala de aula em que for aplicado um modelo holístico de aprendizado será também um local de crescimento para o professor, que será fortalecido e capacitado por esse processo. Esse fortalecimento não ocorrerá se nos recusarmos a nos abrir ao mesmo tempo em que encorajamos os alunos a correr riscos (hooks, 2013, p. 35).

A experiência cultural em sala de aula com as fanfics indica que os gostos variam bastante, havendo maior número de interações com produtos midiáticos estrangeiros. Mas há quem goste também das produções nacionais: vejamos um exemplo de uma narrativa que se relaciona com a série de televisão brasileira *Cidade Invisível*, dirigida por Carlos Saldanha.

4 Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/8-historias-re-escrever-23534061/capitulo1>

5 Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/8-historias-re-escrever-23534061/capitulo1>

O estudante 2 inicialmente apresenta os personagens como na peça de teatro e, em seguida, inicia a sua história:

**Personagens principais: Cuca - Inês, Porco do Mato - Tutu, Iara - Camila, Boto Cor-de-rosa - Manaus, Ciço, Saci - Isac, Januária.**

- após a Inês conseguir salvar a Gabriela, o corpo seco ainda não é derrotado, por não ter sido queimado ainda.

- Felipe foi levado para a delegacia, direto para a sala de interrogatório.

Um policial começa com suas perguntas: o que você estava fazendo lá?

Felipe responde tentando explicar seu nervosismo.

- é difícil explicar, era uma entidade irreconhecível.

O policial pensa nos momentos que conseguiu capturar.

- entidade? Você estava alcoolizado? Precisamos de alguém ciente para responder nossas perguntas.

no hospital com Gabi, Camila e Inês.

- precisamos achar a entidade, olhe o estrago feito.

Diz Inês preocupada e pensativa.

Após toda essa confusão, o terrível corpo-seco resolve novamente acabar com a Vila São Tomé. E dessa vez, seu alvo é alguém que tenha poder e fama na Vila.

Ele possui o Manaus. Todas as noites ele fazia uma morte diferente.

- Ciço, um grande amigo de Inês, e de grande poder de fé, a meia noite, horário que acontece as mortes, abençoa todo lugar, mas o terrível corpo-seco mata o próprio Manaus. [...] (FANFIC 4, grifos da autoria)<sup>6</sup>.

O que se percebe na leitura do texto acima, do ponto de vista da criação estética, é que os(as) adolescentes interessam-se cada vez mais por universos transmidiáticos e utilizam a escrita (mas não somente ela) como ferramenta para fomentar um diálogo com o que mais lhe deixou sensibilizado(a). O(a) estudante 2, por exemplo, já possuía um perfil em um site de fanfic, pois relatou-me que se reunia em redes para escrever histórias com outros aficionados. “A formação juvenil em rede, principalmente alinhada a um fandom (domínio de fãs), proporcionaria complementaridade àquela do ambiente escolar”, argumenta Edu Jacques (2016, p. 151).

Vê-se que o(a) estudante 2 elabora a sua narrativa montando um esquema aparentemente simplório de inserir os personagens na parte superior do texto. Outra marca individual é o termo em negrito, que talvez busque separar dois espaços da narrativa. No campo da linguagem, o(a) estudante 2 narra a sua história em flashes de acontecimentos: “Com as habilidades de acorrentar pessoas, Antunes o nosso corpo-seco, vai até a cidade. E para sua surpresa, encontra tutu e Januária, mãe de Felipe e irmã de Inês. Duas grandes bruxas e uma entidade de grande poder que era um desafio” (FANFIC 4).

É uma característica comum nos textos realizados a velocidade da ação. Isso tem a ver com a pouca familiaridade narrativa, por isso também estudamos a organização e estrutura de obras literárias, extrapolando para outras produções estéticas. Os resultados provam que a

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/8-historias-re-escrever-23534061/capitulo1>

arte de narrar continua sendo cultivada em plataformas contemporâneas e exercem fascínio.

Os(as) estudantes, como sujeitos de conhecimento, partilham sua linguagem, suas experiências e suas práticas culturais na escola, mas também fora dela. Dialogam e interagem com os seus semelhantes (outros jovens e adolescentes) sobre livros, filmes, séries, animes, blogs, sites etc., em sintonia com os valores do seu tempo e refazendo-se constantemente. Segundo Paulo Freire,

[...] para mulheres e homens, estar no mundo necessariamente significa estar com o mundo e com os outros. Estar no mundo sem fazer história, sem por ela ser feito, sem fazer cultura, sem “tratar” sua própria presença no mundo, sem sonhar, sem cantar, sem musicar, sem pintar, sem cuidar da terra, das águas, sem usar as mãos, sem esculpir, sem filosofar, sem pontos de vista sobre o mundo, sem fazer ciência, ou teologia, sem assombro em face do mistério, sem aprender, sem ensinar, sem ideias de formação, sem politizar não é possível (1996, p. 57-58).

A passividade completa não existe, pois cada ser humano coloca-se no mundo ao seu modo e participa dos acontecimentos. Esta reflexão serve para compreendermos que cada estudante, ou melhor, cada pessoa se integra à realidade, imprimindo marcas do seu posicionamento. Na escrita literária, o(a) estudante ultrapassa a condição inicial de si para construir histórias que remetem a outros, fundamentando-se no caráter dialógico da linguagem e da própria existência. Neste sentido, a atividade de leitura e produção escrita com o gênero das fanfictions, além de instigar o lado afetivo, possibilita o desenvolvimento da alteridade e a compreensão da sociedade como espaço de diferenças.

Por isso, não apenas o letramento digital deve ser instigado em um trabalho pedagógico envolvendo as fanfictions, como também o letramento literário, que trata “[...] da apropriação da literatura não apenas como um conjunto de textos, consagrados ou não, mas também como um repertório cultural que proporciona uma forma singular – literária – de construção de sentidos” (Paulino; Cosson, 2009, p. 67-68).

No texto *Todas as coisas que odeio em você*, os conflitos das relações amorosas e a afirmação da identidade traz uma narrativa melancólica e humana:

**Personagens:** Eva Aquário (protagonista), Mina Leão, Bruno Vinhedo, Regina Aquário Vinhedo, Taylor Vinhedo, Cassandra Vinhedo, Vinhedo.

**Espaço:** Local de casamento de Mina Leão e Bruno Vinhedo.

**Enredo:** Eva Aquário recebe um telefonema de sua mãe, Regina Aquário Vinhedo. Sua mãe liga furiosa perguntando onde ela estava, avisando-a que estava atrasada para o casamento de seu meio irmão, Bruno Vinhedo.

Eva estava tentando controlar o choro após saber que sua amada se casaria com seu meio irmão, ela chorava, gritava e acabava se descontrolando pela notícia, parecia uma louca batendo em coisas. Ela sabia que não podia falar o que sente para Mina, sabia que Mina não deixaria de se casar com Bruno.

**Flashback**

- Eva, eu não posso fazer isso com Bruno, ele é um cara legal e eu gosto dele, - Mina dizia isso com a cabeça baixa enquanto Eva olhava tentando segurar o choro.

- Você não está sendo sincera, eu te liguei porque queria a verdade e ainda quero, eu entenderia se você estivesse sendo verdadeira, Mina. Eu queria ouvir a verdade só uma única vez, - Eva olhava para Mina, mas dessa vez ela chorava com raiva e triste ao mesmo tempo. [...] (FANFIC 5)<sup>7</sup>.

Histórias como a que acabamos de ler demonstram a importância da formação estética para jovens e adolescentes. Narra-se uma experiência amorosa frustrada entre Eva e Mina, duas mulheres que outrora foram apaixonadas, mas que, no presente, seguem vidas separadas. Mina está de casamento marcado, prestes a construir matrimônio com Bruno Vinhedo, meio irmão de Eva. O narrador não explica ou esclarece como ambas se conheceram, conta apenas o sofrimento da personagem principal e a cena do casamento.

No entanto, o essencial comunica exemplarmente ao leitor, indicando a força do amor impossível, tão forte nos clássicos da literatura mundial, como em *Romeu e Julieta*, tragédia de William Shakespeare. É claro que, ao longo do tempo, o tema do amor impossível foi modificado para caracterizar cada época: no caso da fanfic, pode-se inferir que a homossexualidade talvez marcasse a distância entre as duas, em uma sociedade marcadamente heteronormativa.

Para os(as) alunos(as), os preconceitos de gênero são estigmas exteriores, pois, em sala de aula, me questionaram qual era minha posição a respeito deste assunto. Coloquei a minha posição e dialogamos com abertura sobre os preconceitos. Então, ao recriar narrativas com essa temática, o(a) estudante 3 busca atenuar o leque de injustiças e violências, no âmbito da falta de representatividade existente sobre tal grupo, ainda que a fanfic trate especificamente das relações amorosas.

Essa reflexão sobre o texto do(a) estudante 3 demonstra a importância de um ensino multicultural, voltado para o reconhecimento da pluralidade racial, social e sexual:

O multiculturalismo obriga os educadores a reconhecer as estreitas fronteiras que moldaram o modo como o conhecimento é partilhado na sala de aula. Obriga todos nós a reconhecer nossa cumplicidade na aceitação e perpetuação de todos os tipos de parcialidade e preconceito. Os alunos estão ansiosos para derrubar os obstáculos ao saber. Estão dispostos a se render ao maravilhamento de aprender e reaprender novas maneiras de conhecer que vão contra a corrente. Quando nós, como educadores, deixamos que nossa pedagogia seja radicalmente transformada pelo reconhecimento da multiculturalidade do mundo, podemos dar aos alunos a educação que eles desejam e merecem. Podemos ensinar de um jeito que transforma a consciência, criando um clima de livre expressão que é a essência de uma educação em artes liberais verdadeiramente libertadora (hooks, 2013, p. 63).

Uma educação libertadora promove uma sociedade libertadora, parece óbvio acreditar que podemos transformar o mundo por meio de um ensino multicultural, como acredita bell hooks. Ensino que reconhece o conhecimento dos(as) estudantes e a sua trajetória social, pois “não é possível respeito aos educandos, à sua dignidade, a seu ser formando-se, à sua identidade fazendo-se, [...] se não se reconhece a importância dos conhecimentos de experiências feitos com que chegam à escola” (Freire, 1996, p. 64).

Ao trazer a frustração amorosa de Eva, a fuga e a não realização emocional, o(a) estudante 3 questiona as estruturas patriarcais e heteronormativas que exercem poder nas relações humanas: “Eva congelou quando viu ambos se beijarem, ela sentiu as lágrimas caindo e saiu pela porta da frente da capela, viu o táxi parado [...], entrou no carro e ouviu a seguinte pergunta: qual é o destino, taxista indagou [...]. - O lugar mais longe daqui” (FANFIC 5).

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/8-historias-re-escrever-23534061/capitulo1>

Pela escrita compreende-se a vida a partir dos conflitos individuais e coletivos, mas também se expandem os universos das séries mais populares através de narrativas ficcionais que, além de entreter, produzem alteridades com os produtos transmídias:

No campus escolar, estão os jovens estudantes aproveitando o início da noite em companhia dos seus amigos. Mas Peter Parker, jovem cientista, continua trabalhando com o doutor no laboratório e, por um instante, olha da janela o espetáculo das relações humanas.

Com o avanço dos experimentos realizado em lagartos e répteis, o doutor busca inventar uma fórmula de regeneração celular, por isso tem trabalhado nisso nos últimos anos. Peter acredita na ciência, mas gostaria de estar aproveitando a noite para encontrar os seus amigos.

O doutor percebe que o jovem rapaz queria um descanso, então dispensa-o dizendo: Por que você não sai e se diverte um pouco? Ainda haverá trabalho para fazermos outro dia. Peter desliga o computador e se despede do cientista. Após a saída do rapaz, o doutor aplica em si mesmo uma vacina com a fórmula da regeneração, a fim de refazer parte do braço perdido num acidente de carro anos atrás.

Pouco tempo depois, Peter encontra seus amigos, Mary Jane e Harry, mas se lembra que deixou algo muito importante em seu computador para ser entregue ao cientista. Vendo que o companheiro de trabalho já tinha ido embora, o rapaz sente um mau pressentimento, a sensação aranha.

No meio da rua, o cientista e o guarda da universidade haviam sofrido uma tentativa de roubo: homens misteriosos atacaram os dois de repente. Neste momento, o homem aranha aparece e captura os malfeitores. O herói uma vez mais ajuda os cidadãos da cidade. [...] (FANFIC 7)<sup>8</sup>.

Nessa história ficcional, o texto foi construído, segundo o(a) estudante 4, após assistir a um anime do Homem Aranha, do qual é fã desde a infância. É importante dizer que com o(a) estudante 4 fizemos correções em relação à norma da língua, estruturando a narrativa e adequando a linguagem. Mas o trabalho de escrita foi todo construído pelo(a) autor(a) da fanfic, inclusive a escolha do personagem antagonista, do espaço e do enredo.

A concepção clássica de letramento literário não abarca as produções transmidiáticas como experiências estéticas verdadeiras, que estabelece uma formação humana do ponto de vista ético. Contudo, nosso trabalho em sala de aula considera a importância de mobilizar histórias/narrativas transmidiáticas, de circulação massiva, como instrumento de leitura, reflexão e análise.

Aqui é importante que o aluno compreenda que a literatura se faz presente em sua comunidade não apenas nos textos escritos e reconhecidos como literários, mas também em outras formas que expandem e ajudam a constituir o sistema literário. Nessa perspectiva, é importante que sejam explorados, com os textos literários, textos da tradição oral, dos meios de comunicação de massa, de outras

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/8-historias-re-escrever-23534061/capitulo1>

manifestações artísticas, mostrando como a literatura participa deles e eles participam da literatura (Paulino; Cosson, 2009, p. 75).

Sem dúvida, o interlocutor encontra na obra massiva dilemas éticos e morais que podem e devem ser explorados pela escola. Em *Homem Aranha: o jovem cientista*, a grande temática entre bem e mal coloca-se diante do interlocutor. Como pano de fundo, mas não menos importante, questões humanas como a amizade convocam uma série de reflexões que nos permite ultrapassar o senso comum, pois o jovem herói deseja curar o lagarto de sua maldição: - “- “Calma! Calma, doutor! O senhor é um bom homem”, disse o garoto. Entre os carros, o homem aranha lançou sua teia para segurar o Lagarto. Obteve alguma coisa, não antes de sair todo machucado. Então, aplicou a cura no seu amigo” (FANFIC 7).

Esta realidade fantástica insere o valor da amizade como essencial para resolver o conflito de um super-herói, afastando-o da figura de justiceiro. Ao mesmo tempo, possibilita relações dialógicas, baseadas na alteridade que, para Bakhtin (2011), é a própria experiência da linguagem. Em *Stranger Things* o fantasioso (*science fiction*) cria um espaço de violência e terror; por outro lado, cria também a resistência e a coragem.

[...] Um mal terrível aproximava-se de Mike e Will, sem que soubessem ou sentissem frio na espinha. As luzes da rua estavam fracas, o demogorgon caminhou pela escuridão noturna do bairro, como estranha figura, até que um homem atirou da janela achando ter acertado um canguru ou um animal grande. Ninguém ouviu o barulho da espingarda, talvez tenham acreditado que poderia ser briga entre gangues rivais. Ao amanhecer, a mãe de Will procura-o no quarto e pergunta ao irmão mais novo, Ryan, se ele não sabia o paradeiro do filho mais velho.

Preocupada, então ela ligou para a mãe de Mike perguntando se o Will tinha dormido lá, a velha senhora Mary respondeu que não, ao passo que ficou pensativa e desesperada. Sem respostas, foi até o delegado, que disse que iria procurar por ele por toda a cidade. Kentucky não era um lugar tão grande que não se pudesse achar duas pessoas.

Enquanto isso o demogorgon saciava a sua fome: da parede de uma casa no bairro onde Will mora a estranha criatura sai em busca de carne humana. Mas uma vítima consegue escapar do bicho, fora da casa chama a polícia e diz o que aconteceu ao policial. Outra vítima do demogorgon foi a mãe dele, a senhora Rose, que escapou por um triz.

Este ser extraordinário não se parece com nenhum animal conhecido, por isso a sua cabeça mais parece uma grande boca que puxa para o fundo qualquer alma viva: gatos, cachorros, pessoas etc. [...] (FANFIC 2)<sup>9</sup>.

O(a) estudante 5 foca a sua narrativa em demogorgon, um ser monstruoso que se alimenta dos humanos. De certa maneira, ele representa o caos e a destruição da humanidade. Alguns personagens indicam ações que interessam a narrativa, mas tudo sem resolver o conflito. Para além da organização da estrutura do texto, a sobrevivência se torna o fulcro central para os humanos. Compreende-se que Mike e Will foram transportados para um outro universo, do qual não sabemos muita coisa. O(a) estudante 5 não descreve como isso

<sup>9</sup> Disponível em: <https://www.spiritfanfiction.com/historia/8-historias-re-escrever-23534061/capitulo1>

aconteceu e por qual motivo aconteceu: aparentemente o demogorgon anseia por sangue humano, sem se importar com os dois personagens.

A narrativa com a temática da série *Stranger Things*, na primeira versão, possuía muitos erros de coesão e coerência, indicando uma problemática de alguns estudantes com a escrita textual. Embora a maioria tenha feito a atividade de criação narrativa, algumas fanfics tiveram mais êxito que outras. As duas fanfictions analisadas inicialmente, por exemplo, não tiveram grandes modificações, sendo a primeira a versão definitiva.

No entanto, de fato, o que interessa é que cada estudante realizou a escritura pensando na produção cultural que mais lhe interessava, mais lhe tocava a sensibilidade. O verdadeiro projeto da escola na democracia é instituir a alteridade, como processo de fala e de escuta: “O desrespeito à leitura do mundo do educando revela o gosto elitista, portanto antidemocrático, do educador que, desta forma, não escutando o educando, com ele não fala. Nele deposita seus comunicados” (Freire, 1996, p. 123).

Ao deslocar a visão tradicional da literatura que reforçava no passado o gosto canônico, dialogamos com uma perspectiva de letramento adequada para os novos tempos, pois “[...] é relevante que se alargue o horizonte da manifestação literária para além do objeto livro, sua forma mais conhecida, alcançando outros veículos como a Internet, sem deixar de tomar consciência das hibridizações comuns nesse veículo [...]” (Paulino; Cosson, 2009, p. 75).

Outras narrativas, não analisadas aqui, possuem igual relevância, como é o caso das fanfics – *Na mesma onda*, *Noite de Natal*, *Mia na casa dos Idols* – que apresentam personagens do universo de jovens/adolescentes. Por outro lado, *Noite de Natal* me fez lembrar os contos de fadas tradicionais que tanto marcaram a infância. Desta maneira, a experiência de leitura e escrita com as fanfictions desenvolve uma visão plural da sociedade, valorizando autores(as) que desejam compartilhar a sua versão (profundamente dialógica) de produções (trans) midiáticas.

## Conclusões

Um trabalho pedagógico voltado para o multiculturalismo, para uma educação que valoriza o conhecimento, a formação cultural, o gosto estético e as experiências individuais dos(as) estudantes promove a abertura em sala de aula para um diálogo amplo entre os sujeitos envolvidos. Além disso, também estabelece a alteridade como ação responsiva, de modo que celebra as diferenças, no plano racial, epistemológico e social. É o que ensina bell hooks (2013) ao pensar a educação, com sua “[...] visão de transformação social baseada [...] numa ideia radicalmente democrática de liberdade e justiça para todos” (hooks, 2013, p. 41).

Esta ideia fomenta o exercício de uma cidadania que respeita os indivíduos e os diferentes grupos sociais. Por isso, o trabalho com a fanfiction, relevante pedagogicamente, possibilita a construção da alteridade e a ampliação do universo transmidiático. A experiência educacional com as narrativas de fãs promove o letramento literário, partindo inicialmente da realidade cultural dos(as) estudantes e estimulando a autonomia no campo da leitura e da escrita.

As possibilidades de trabalho pedagógico com as fanfictions são inúmeras, caracterizando tanto o letramento literário quanto o letramento digital em sala de aula, pois ultrapassam a visão canônica da literatura e instigam produções culturais que dialogam de forma recorrente. Por outro lado, nesse processo, os professores têm o papel de mediar conhecimentos, mas não como figura autoritária do saber tradicional, e sim como aqueles que têm a voz da experiência, haja vista que, na visão de Paulo Freire, para finalizar, “[...] devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento” (Freire, 1996, p. 47).

## Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 6ª. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

BAHRANI, Ramin. **Fahrenheit 451**. Estados Unidos, 2018.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FLICHY, Patrice. Internet, um mundo para os amadores. *In*: FLICHY, Patrice; FERREIRA, Jairo; AMARAL, Adriana (org.). **Redes digitais: um mundo para os amadores**. Novas relações entre mediadores, mediações e mídiatizações [recurso eletrônico]. Santa Maria: FACOS – UFMS, 2016, p. 13-48.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Pedagogia da Pesquisa-ação. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, volume 31, nº 3, p. 483-502, set/dez. 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

JACQUES, Edu. Práticas re-criativas: um estudo sobre fãs de Harry Potter e as TICs. *In*: FLICHY, Patrice; FERREIRA, Jairo; AMARAL, Adriana (org.). **Redes digitais: um mundo para os amadores**. Novas relações entre mediadores, mediações e mídiatizações [recurso eletrônico]. Santa Maria: FACOS – UFMS, 2016, p. 147-164.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria da comunicação: ideias, conceitos e métodos**. Petrópolis: Vozes, 2009.

NAVARRO, Vicente. Os sentidos da convergência: entrevista com Henry Jenkins. **Revista Contracampo**, Niterói, nº 21, p. 3-26, agosto, 2010.

PAULINO, Graça; COSSON, Rildo. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. *In*: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania (org.). **Escola e leitura: velhas crises, novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

Recebido em 15 de novembro de 2025

Aceito em 23 de fevereiro de 2026